



Órgão Informativo da Coordenação do Curso de Pedagogia  
da Faculdade de Educação Santa Terezinha - FEST



# Foco Pedagógico

Volume 4, edição 2

Fev. e Mar. de  
2012

## CONSELHO EDITORIAL

MsC. Roza Maria Soares da Silva  
MsC. Francisco Lima Soares  
Esp. Kleber Alberto L. de Sousa

Editor: Francisco Lima Soares  
Diagramação: Lyvia Mayra Ferreira de Melo e Luciléia Lima Freire  
Equipe de apoio: Maria Telma Leite Rocha, Conceição de Maria Botelho Martins,  
Aparecida de Lara Lopes Dias, Luciane Heig

## EDITORIAL

A questão crucial que se impõe na atual conjuntura da Educação é saber se a relação educador sujeito, tem compatibilidade com a relação educando sujeito. Pois temos tido dificuldades, na prática, de conciliar um discurso em que o educando, a partir dos postulados paulofreirianos, possa ser tratado como sujeito, portador de seus saberes prévios, e ao mesmo tempo o educador tenha esta mesma autoridade de sujeito dentro do processo do aprendizado.

### NESTA EDIÇÃO:

*Estudar Pedagogia na FEST? É o Máximo!* Prof. Nilson Oliveira;

*V Fórum de Educação: Pedagogo na Contemporaneidade.* Por Maria Telma Leite;

*Identidade Necessária ao Pedagogo.* Prof. Gilvânia Queiroz;

*ESCRITA: Mm Fazer Necessário ao Pedagogo.* Prof. Inácia Netta;

*Metodologia do Educador e Aprender do Educando.* Prof. Veríssima Dillma Climaco;

*APRENDER A FAZER: O Desafio da Educação para o Século XXI;*

*O Fazer Pedagógico nas Escolas Indígenas:* Prof. Gildete Elias Dutra.

## ESTUDAR PEDAGOGIA NA FEST? É O MÁXIMO!



***Parabéns Maranhão, Imperatriz e Região Tocantina, o Curso de Pedagogia da FEST conquista nota máxima (5) do MEC.***

O primeiro semestre de 2011 se foi, porém, talvez muitos de nós nem tenhamos nos dado conta de que várias tensões, nervosismos, stress tenhamos vivido por força da avaliação do MEC. Veio o segundo semestre, sem dúvida que, o dia a dia, a correria e tantos compromissos, fazem com que percamos noção do tempo. O tempo da Pedagogia chegou de mansinho, o que dizer, nesse período, dos acontecimentos cotidianos no Departamento de Pedagogia da FEST?

Atualmente, a cada momento, somos inundados por notícias vindas da: TV, rádio, jornais, internet, celular, etc. Porém, nem sempre temos tempo de analisar o que as informações nos revelam, sobretudo, significam. Soma-se a isso, uma inquietação quanto à fonte, a fidelidade

aos fatos, temas, além de uma análise passional ou pouco equilibrada. De fato, talvez não percebamos, mas muitas vezes, podemos seguir defendendo ideias, ideais, posições que não são nossa, por isso não constroem um mundo mais unido e fraterno. Como superar esta situação? Como ter liberdade para analisar, julgar uma informação ou acontecimento?

Basicamente, cremos que é preciso escolher uma fonte de informações de opinião segura, confiável, que defenda os mesmos princípios que você acredita. Com esse objetivo, a Faculdade de Educação Santa Terezinha convida você a renovar cotidianamente seus sonhos, ideias, ideais, apresentando, bem como discutindo conosco fatos, temas do nosso cotidiano à luz da verdade,



Foto: José Bispo.  
\*Por: José Nilson Oliveira Sil-

da cultura do respeito, da paz. Portanto, divulgamos a todos vocês uma notícia verdadeira, com respeito, na paz – fontes confiáveis: O curso de Pedagogia da FEST recebe nota máxima (5) do MEC, sendo, segundo Tashizawa e Andrade (2006) muito importante a avaliação em uma instituição.

Entretanto, nada tão grande, quanto às diversas pessoas que constroem cotidianamente a Faculdade de Educação Santa Terezinha. É para retratar essa dimensão, que homens e mulheres (Jovens e Adultos), negros, índios, mulatos, pardos, brancos etc. para cá foram atraídos e reunidos para construir além de testemunharem a transformação, o crescimento, as conquistas da FEST.

Sem dúvida, hoje uma referência no Ensino Superior em Imperatriz, na Região Tocantina, no estado do Maranhão e no “breve” estado do Maranhão do Sul. Sentimo-nos pro-

fundamente honrados em participar desse momento histórico em que a FEST tem seus cursos avaliados e reconhecidos: Direito (Nota 4); Economia (Nota 3) por fim, Pedagogia (Nota 5). Essa ideia quântica não nos envaidece, pois objetiva quantificar-nos cada vez mais para o ato de educar vidas, construir uma ciência acadêmica humanizadora e solidariamente humanizante. Nesse sentido, celebrar a materialização de mais um sonho que a partir de agora é realidade, deixa-nos envidados levando-nos a construir a assertiva de que é muito bom fazer parte desse momento histórico, em que, estudar Pedagogia na FEST é o máximo.

Esse momento abre espaço também à reflexão, à emoção, através da ampliação dos seus sonhos e ideais, cremos ser possível perceber como a Faculdade de Educação Santa Terezinha tem conquistado cada vez mais o seu lugar num espaço muito mais profundo que o ambiente científico e acadêmico: o coração e as mentes do seu maior “capital” - o capital humano – firmando-se nas direções, coordenações, professores, funcionários, nas maiores autoridades – nossos acadêmicos assim como na sociedade.

Vemos esse momento não como um simples fato histórico isolado o qual ficará para o passado, mas sim como um marco histórico projetando o futuro, de forma, que, fiquemos sempre vigilantes, atentos para as incursões avaliativas constantes. O que se consegue hoje é só a gênese de uma antevisão presente além de futurista. Quiçá, seremos compreendidos pelas novas e vindouras gerações, pois cremos que tudo isso fortalecerá a ligação – do passado com o presente; reforçará as virtudes, os ideais acadêmicos, científicos, conduzidos para uma formação profissional que precederá sempre de valores humanos, éticos, responsáveis, solidários praticados com humildade. Tudo isso, acreditamos, garantirá o autoconhecimento da FEST com saber, sabor e sabedoria. Vamos mirar agora os cursos de Filosofia, Teologia e Outros.

Parabéns a todos que fazem a FEST o máximo. Trabalhar, estudar nela é bom de mais.

TASHIZAWA, Takshy; ANDRADE, Rui Otávio Bernardes de. Gestão de Instituições de Ensino. 4ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

\* Professor do curso de Pedagogia da FEST. Esp. em Geog. e Hist. Econômica do Brasil - FIA .

## V FÓRUM DE EDUCAÇÃO: PEDAGOGO NA CONTEMPORANEIDADE



Foto: José Bispo.

\*Por: Maria Telma Leite Rocha.

O mercado de trabalho exige um profissional apto à enfrentar diversas situações de aprendizagem, que esteja sempre em busca de novos conhecimentos, que interprete em tempo real as inúmeras informações que chegam, analisando-as dentro do contexto social que se está inserido. Com base nessa realidade, o V Fórum de Educação, desenvolveu como tema: “O pedagogo na Contemporaneidade”, enfo-

cando mais precisamente o fazer profissional do Pedagogo.

Este objeto de estudo permitiu a todos os acadêmicos e professores um debate sobre a formação do Pedagogo e suas perspectivas profissionais. Primeiramente, buscou-se mostrar a conjuntura política baseada nas leis atuais, em segundo lugar uma troca de experiências e vivências dentro de um contexto real e local.

Para se falar com propriedade sobre as competências profissionais do Pedagogo, contou-se com convidadas especiais. Professoras, indiscutivelmente comprometidas com a causa educacional e egressas da própria FEST, inseridas no mercado de trabalho nos diversos campos profissionais de Imperatriz.

As pedagogas escolhidas são egressas da FEST, que estão se destacando no mercado de trabalho, com atividades educativas diferenciadas. Amanda Elizabeth Damião Peixoto (Coordenadora Pedagógica da MICROLINS); Fabíola Vidal Araújo dos Santos (Professora da Rede Municipal de Ensino); Lizandra Leão de Sousa (Tradutora/interprete de LIBRAS); Zilma Vidal Araújo (Coordenadora da casa dos especiais). O objetivo pretendido era conhecer na prática como estava se desenvolvendo o egresso da FEST e de que forma estaria sendo aplicada a teoria apreendida durante os anos de faculdade.

O aprender a fazer refere-se principalmente ao desenvolvimento técnico profissional, e as egressas da FEST mostraram justamente isto, suas experiências no exercício do trabalho e como se prepararam para enfrentar situações dentro do ambiente educacional no qual estão inseridas, desenvolvendo trabalho em equipe. O amor pela profissão e a paixão pelo ensinar foi percebido, assim como a ousadia para crescerem no campo profissional escolhido.

Para Lúcia Moysés em seu livro, *O desafio de saber ensinar*, isso é primordial, o professor por si só, não é capaz de transformar a realidade... Mas sua competência, como profissional da educação, é sem dúvida, um dos fatores de maior peso quando se pensa na melhoria da qualidade do ensino (2005).

Esta relação dialógica entre teoria e prática é o único caminho para a qualificação profissional. Conhecer o que as egressas pensavam sobre os conhecimentos teóricos adquiridos na academia e como esses conhecimentos foram e são importantes para adentrarem no mercado de trabalho, foi primordial. Entretanto, é notório ressaltar que as pedagogas não se limitaram ao conhecimento adquirido na academia, mas a persistência em busca de novos conhecimentos bem como a qualificação profissional dentro de suas áreas foi o fator decisivo para o crescimento profissional. Para Drucker (1995, p. 156):

Na sociedade do conhecimento, as pessoas precisam aprender como aprender. Na verdade, na sociedade do conhecimento as matérias podem ser menos importantes que a capacidade dos estudantes para continuar aprendendo e com sua motivação para fazê-lo. A sociedade pós-capitalista exige aprendizado vitalício. Para isso, precisamos de disciplina. Mas o aprendizado vitalício também exige que ele seja atraente, que traga em si uma grande satisfação.

Nessa sociedade, o conheci-

mento está ligado às ações e suas conseqüências. Essas ações atuam como um diferencial observado por todos na busca por profissionais qualificados. A instituição escolar já não é considerada um único meio, ou meio mais eficiente e ágil de socialização dos conhecimentos e de desenvolvimento de habilidades cognitivas, por isso, para que ela cumpra bem o seu papel, deve desenvolver autonomia no educando, juntando teoria e prática, na busca de aprendizagens significativas se fundamentando no aprender a aprender.

Portanto, assim deve ser o profissional que o mercado de trabalho exige na atualidade, além de estar aberto a novas aprendizagens, deve ter formação ética, autônoma, capacidade e motivação para o aprendizado permanente. Despertar a consciência que se aprende em todos os lugares, na escola, na rua, nas empresas, e ainda que o conhecimento deva ser universal e, principalmente, acessível a todos.

## REFERÊNCIAS

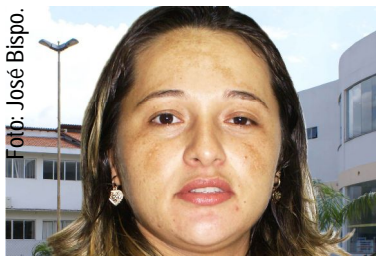
DRUCKER, Peter. Sociedade pós-capitalista. Pioneira: São Paulo, 1993.

MOYSÉS, Lúcia. O Desafio de saber ensinar. Papirus: São Paulo, 2005.

\*Coordenadora do Curso de Pedagogia da FEST. Esp. em Administração e Supervisão Escolar - FIA

## IDENTIDADE NECESSÁRIA AO PEDAGOGO

Foto: José Bispo.



Por\*: Gilvânia Queiroz Madeira.

É de grande importância o papel profissional do pedagogo na sociedade, pois é nela que emerge os princípios da educação formal e informal, desenvolvidos a partir de ações educativas e planejadas, de forma in-

tencional e sistematizadas, oriundas de profissionais competentes e preparados para desenvolver, de forma significativa seu papel.

No Brasil, a escola tem compromisso e obrigação de atuar

socialmente correspondendo à estrutura organizacional e administrativa com normas gerais de funcionamento das diretrizes pedagógicas referente ao Sistema Educacional como um todo. Nesse sentido, fala-se em educação que para corresponder as necessidades é necessário estar de acordo com essas estruturas obtendo resultados significativos, contudo, antes é preciso pensar nas relações interpessoais que devem ser nítidas no cotidiano, exercidas por meio de um conjunto de conhecimentos bem como exigem habilidades por parte do corpo docente e discente.

Nesse sentido, o foco da aprendizagem, deve ressaltar o êxito do aluno, trabalhar a diversidade, estimular práticas investigativas, construir e desenvolver projetos dentro das bases curriculares com metodologias inovadoras e estratégias criativas, não meramente reprodutivas e por fim, construir um saber aprender/aprender dinamicamente articulado, como institui o componente essencial da nova matriz definidora do perfil do educador, esperado.

Assim, a identidade do pe-

dagogo é conhecida no campo da investigação, onde o caracteriza como um profissional que utiliza a pesquisa constantemente em sua atuação com atividades voltadas para a educação, a partir de práticas adequadas e variadas nas mais diversas modalidades com caráter de intencionalidade.

As novas realidades estão exigindo um entendimento ampliado das práticas educativas para com o âmbito dos profissionais que nela atuam, por consequência da pedagogia, onde a mesma é uma reflexão teórica a partir da prática e sobre as práticas, onde de forma profunda investiga “pessoas”, objetivos, meios organizacionais e metodológicos, procurando viabilizar os processos formativos em contextos culturais para ajudar na formação e na construção de uma sociedade crítica, justa e organizada.

Dessa forma, o profissional comprometido desenvolve um trabalho significativo, fazendo a diferença na educação, buscando transformações a partir das possibilidades e habilidades para com a profissão, de tal maneira que cada vez conquista mais seu espaço,

Para que assim possa ser “visto” e reconhecido, dignamente e valorizado com a confiança e o respeito que merece.

Portanto o Pedagogo pelo conhecimento teórico e aquisição de competências teóricas e práticas, contribui nas formas de organização e gestão, com ações que venham transformar a escola em um ambiente harmônico de grande prosperidade, com trabalhos coletivos feitos a partir de uma linha transformadora, utilizadas nas tomadas de decisões de forma democrática e participativa com ações educativas, planejadas, intencional e sistematizadas, desenvolvendo de forma significativa seu papel, tendo que com isso, segundo Silva (2009) ter uma postura reflexiva.

SILVA, Marli Regina Fernandes da. Construção de Identidade Profissional do Pedagogo. Revista F@pciência. Apucarana, v. 3, n. 8, p. 79-88, 2009.

\* Professora da FEST. Esp. em Metodologia do Ensino Superior pela Universidade Estadual do Maranhão.

## Escrita: Um Fazer Necessário ao Pedagogo

Foto: José Bispo.



Por\*: Inácia Neta Brilhante de Sousa.

O ser humano se expressa por meio da linguagem que lhe possibilita, também, compreender o

mundo que o cerca conduzindo-o a atuar ativamente no meio social. Dentre as linguagens existentes, destaca-se a escrita considerada uma das mais relevantes formas de o homem apregoar suas idéias. O domínio dessa linguagem, nos dias hodiernos, é salutar a todo e qualquer profissional e, principalmente, ao Pedagogo que atuará na formação de futuros escritores sendo, então, necessário o saber fazer para que possa conduzir aqueles que estão sob sua media-

ção. Mas como se trabalham as produções textuais dos acadêmicos no curso de Pedagogia? Como eles realizam seus trabalhos escritos?

O domínio da escrita se faz indispensável nos dias atuais, sendo de extrema importância a leitura, que segundo Freire (2008, p. 20) “não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas também por outra forma de escrevê-lo, de transformá-lo através de nossa prática consciente”. Na esteira

desse raciocínio, a reescrita possibilita a transformação do próprio ser, do outro e do meio em que ele está inserido, propiciando a reconstrução de idéias.

Os novos conhecimentos se firmam por meio da escrita, fonte de inquietação para muitos acadêmicos que não conseguem utilizá-la para elaborar suas concepções e construir seus pensamentos de forma lógica. Isso se faz presente no Curso de Pedagogia, uma vez que grande parte dos universitários tem dificuldade para organizar suas ideias no papel e estruturar com coerência e coesão seus textos, fato preocupante, tendo em vista que se sabe da relevância do domínio dessa habilidade para a atuação do pedagogo como mediador no processo de aquisição da escrita pelas crianças.

Para amenizar essa realidade é primordial um trabalho entre professores e acadêmicos desenvolvendo práticas de leituras críticas, as quais propiciem a reflexão acerca do assunto explorado, pois, como enfatiza Mattoso Câmara:

"Qualquer um de nós senhor de um assunto é, em princípio, capaz de escrever sobre ele. Não há um jeito especial para a redação, ao contrário do que muita gente pensa. Há apenas uma falta de preparação inicial, que o esforço e a prática vencem" (2001, p.61).

Em consonância com a concepção de Mattoso, entende-se a importância da prática de atividades que conduzam o acadêmico de Pedagogia à construção de textos escritos para o desenvolvimento dessa habilidade, o que, segundo Feitosa (2000), não costuma ser tarefa fácil para ninguém. Normalmente, as pessoas "sofrem" muito quando têm de colocar suas ideias no papel. A escrita é um processo doloroso que exige do escritor o

domínio de algumas habilidades como a leitura crítica. Ao explorar o texto lido domina-se determinado assunto e pode-se emitir seu parecer sobre ele, além disso, propicia a aquisição de um vocabulário adequado para a construção de pensamentos.

O que se percebe, entretanto, é a falta de esforço por parte da maioria dos acadêmicos que se utiliza de subterfúgios por meio de mecanismos mais fáceis e não pratica o ato da leitura e da escrita sugerido na academia para desenvolver a construção de suas ideias, realizando um simples recorte de pensamentos alheios, suscitando uma mera reprodução mecânica daquilo que leu.

Isso gera um educador com uma formação fragilizada que, conseqüentemente, ocasionará prejuízo a sua prática pedagógica, pois não dispõe de domínio suficiente para conduzir aqueles que estão sob sua orientação. Segundo o relatório para a UNESCO, da Comissão Internacional sobre a Educação para o Século XXI, a ação docente deve pautar-se pelos quatro pilares da educação superior contemporânea, dentre eles o saber fazer, que envolve uma série de técnicas a serem trabalhadas. Para Rios, (1999) (...) o saber fazer bem tem uma dimensão técnica, a do saber e do saber fazer, isto é, do domínio dos conteúdos de que o sujeito necessita para desempenhar o seu papel, aquilo que se requer dele socialmente, articulado com o domínio das técnicas, das estratégias que permitam que ele, digamos, "dê conta de seu recado" em seu trabalho.

Diante do exposto em tela, apreende-se que para atuar na Educação, principalmente nas séries iniciais, é imprescindível que o Pedagogo domine a prática de produ-

ção textual, considerada uma linguagem que possibilita ao homem disseminar suas ideias, bem como uma habilidade crucial a esse profissional, pois a ele cabe o saber fazer, através do domínio de técnicas e estratégias as quais conduzirão as crianças que estão sob sua orientação a também se tornarem escritores. Para tanto os acadêmicos de Pedagogia precisam esforçar-se para inibir a utilização de práticas reprodutoras, que impedem o desenvolvimento e a construção de suas próprias ideias, e conduzam as atividades de leitura e produção textual sugeridas na academia de forma a desenvolver a sua escrita considerada um fazer necessário a atuação do Pedagogo, assim contribuindo no meio social em que está inserido.

#### REFERÊNCIAS

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. Manual de Expressão Oral e escrita. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

FEITOSA, Vera Cristina. *Redação de textos científicos*. 4. Ed. São Paulo: Papyrus, 1991.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.

RIOS, Terezinha A. *Ética e Competências*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Simara de Jesus Bignardi. *A importância da leitura no ensino superior*. Disponível em: <http://sare.unianhanguera.edu.br/index.php/reduc/article/viewFile/193/190>. Acesso: 20 de fev. 2009.

\*Docente da FEST, esp. em Didática Universitária pela Faculdade Atenas Maranhense - FAMA.

# A METODOLOGIA DO EDUCADOR E O APRENDER DO EDUCANDO



Por: Veríssima Dilma Nunes

A prática pedagógica do educador revela, expõe e reafirma sua opção metodológica, não há como ocultar qual sua linha de trabalho, portanto, para que se conheça sua prática não se faz necessário afirmar que é um educador progressista, libertador ou construtivista, sua opção é revelada no seu cotidiano em sala de aula através de seus educandos e demais sujeitos envolvidos nos trabalhos desenvolvidos e oferecidos pela academia. Lembra-se Freire (1987) na sua obra *Pedagogia do Oprimido*: O que o homem fala e escreve, tudo é expressão objetiva do seu espírito.

Acredita-se que a teoria e a prática do educador não são dimensões dicotômicas, elas se constituem em singularidades de cada educador, quando se busca uma práxis autêntica no intuito de possibilitar ao educando e ao próprio educador a sua emancipação. Dessa forma o ato de educar passa os conteúdos curriculares indo mais além, na busca da construção de um ser humano competente, autônomo, crítico, participativo e responsável que possa exercer com dignidade sua cidadania. Freire (1987, p. 68 e 69) escreve:

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os "argumentos de autoridade" já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com liberdades e não contra elas. Já agora ninguém educa ninguém, como ta tampouco ninguém se

educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, midiatisados pelo mundo.

Reportando-se a uma metodologia que contemple a parceria educador/educando caracterizando-os como companheiros de aprendizagem é relevante assinalar o teórico Howard Gardner (1994, p. X) que na sua teoria a descoberta, valorização e aplicação das multiplicidades de "inteligências" que há nos educandos, ressaltando que estas podem propiciar acentuada melhoria na auto-estima e momentos múltiplos de aprendizagem. O seu conceito de inteligência como "a capacidade de resolver problemas ou de criar produtos que sejam valorizados dentro de um ou mais cenários culturais" aproxima, valoriza o saber de cada um da mesma forma que também relata Freire "não há saber mais, nem saber menos, há saberes diferentes".

Percebe-se dentro do contexto pedagógico que a aprendizagem se revela na construção e reelaboração de saberes comungado com vários fatores e um dos quais se acredita como indispensável é a valorização do outro como ser que necessita de cuidados por ser utópico, histórico e temporal.

Recordemos a frase do Pequeno Príncipe de Antonie de Saint Exupéry, que fez fortuna na consciência coletiva dos milhões de leitores: "É com o coração (sentimento) que se vê corretamente; o essencial é invisível aos olhos". É o sentimento que torna pessoas, coisas e situações importantes para nós. Esse sentimento profundo, repetimos, se chama cuidado. Somente aquilo que passou por uma emoção, que evocou um sentimento profundo e provocou cuidado em nós, deixa marcas indelévels e permanece definitivamente. (BOFF 1999,p.100)

Portanto, no cotidiano acadêmico o educador precisa assumir uma postura de um ser de cuidados,

para que o acadêmico aprenda, e este cuidado se exterioriza nas ações aplicadas em sala de aula, quando proporciona ao educando a reconstrução dos seus saberes a partir de uma tessitura do que foi construído em suas vivências e o que apreendeu do mundo lido formando novas formas de ver e perceber o mundo.

Esta concepção de aprendizagem que aponta o sujeito como detentor da possibilidade de aprender, foi observada ainda na Idade Média por Santo Agostinho quando afirma que o saber não é transmitido pelo educador ao educando, o conhecimento está dentro de cada um, e atualmente há teóricos que comungam desta concepção afirmando que o aprender é um ato que se dá de dentro para fora, cabendo ao educador a função de organizar este momento oferecendo possibilidades, meios, momentos para visualização, deste conhecimento.

Assim, o fazer pedagógico se torna um laboratório, onde diariamente são oferecidas possibilidades de recriar, reinventar e buscar uma compreensão da própria prática, nele o educador será também aprendiz, aprendendo a compreender as diferenças, a conhecer a si e ao outro, a SER MAIS. Esse aprender é infinito, e a academia é um espaço por excelência quando se consegue assumir esta postura.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. BOFF, Leonardo. *Saber Cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 10ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1999.

GARDNER, Howard. *Estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artmed, 1994.

Professora do Depart. de Pedagogia da FEST. Mestra em Ciências da Educação.

# APRENDER A FAZER: o desafio da Educação para o século XXI



Foto: Nádya Borges.

Por\*: Nádya Borges

A Educação evoluiu e continua a evoluir, sendo este processo compreendido e demonstrado, segundo a visão de pensadores e filósofos, que por intermédio de suas teorias, almejavam e trabalharam no intuito de construir melhores para o ensino de qualidade. Sabe-se que inúmeros dos pressupostos didáticos adotados atualmente foram elaborados no decorrer dos tempos, não sendo, portanto construções inteiramente recentes, mas uma reformulação a partir de questionamentos e reflexões, tendo um processo contínuo de reformas educativas. Os Quatro Pilares da Educação foram construídos do intuito de oferecer um norte na prática educativa. Dentre os Pilares da Educação destaca-se o Aprender a Fazer. Esse denota necessidade de capacitar-se, de coragem para executar, de correr riscos, de errar, porém buscar acertar em cada ação.

Na sociedade atualmente, precisa-se de uma Educação que possa possibilitar respostas qualitativas a necessidade de aprendizagem. Para poder ter condições de atender ao conjunto de suas missões, a educação precisa se organizar em torno de quatro aprendizagens fundamentais que são: Aprender a Ser, Aprender a Conviver, Aprender a Fazer e Aprender a Conhecer (Aprender), que no decorrer de toda a vida serão para a pessoa os pilares do conhecimento.

Os Pilares da Educação são quatro princípios que orientam as estratégias de condução da educação visando o desenvolvimento humano e que foram determinados a partir do Relatório da Comissão Internacional sobre a Educação no Século XXI para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO, coordenado por Jacques Delors.

Para Delors (2001) o principal resultado da sociedade do conhecimento é a necessidade de uma aprendizagem no decorrer da vida, que fundamenta-se em quatro pilares, que são, simultaneamente, pilares do conhecimento e da formação continuada. Apesar de que o Aprender Ser e Aprender a Fazer não podem está dissociados, enfatiza-se o Aprender a Fazer. Esse denota necessidade de capacitar-se, de coragem para executar, de correr riscos, de errar, porém buscar acertar em cada ação. No entanto, o Aprender a Fazer não deve ser considerado e ter significado pueril de preparar alguém para uma função material pré-determinada.

A educação não deve somente prestar serviço simplista de fornecer pessoas qualificadas ao mundo da economia, designando ser humano ao mero agente econômico, mas buscar e estimular o desenvolvimento de talentos e de aptidões de cada um ser humano correspondendo a uma missão fundamental e humanista da educação. Tal exigência deve orientar qualquer política educativa respeitando as necessidades de um desenvolvimento endógeno, do meio ambiente humano e da diversidade cultural.

Diante das exigências atuais faz-se necessário que Educação seja repensada, possibilitando que cada pessoa, ao longo de toda a sua vida, possa tirar o melhor proveito de um ambiente educativo em constante ampliação. A aprendizagem é construída a partir das experiências, pelos problemas criados, pela ação desencadeada.

Torna-se indispensável que o ato de compreender, descobrir, construir e reconstruir o conhecimento seja prazeroso, não sendo transitório, se mantendo através do tempo, estimulando e valorizando a curiosidade, a autonomia e a atenção, de forma constante. Faz-se necessário refletir o novo, reconstruir o envelhecido, rejuvenescer e reinventar o jeito de pensar e consequentemente melhorar a prática.

DELORS, Jacques. *Educação: Um Tesouro a Descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI* - 6 Edição. - São Paulo: UNESCO, MEC, Editora Cortez, Brasília, DF, 2001, p. 82-104. <http://www.portalsaofrancisco.com.br/alfa/artigos/os-pilares-da-educacao.php>. Acessado em 10 de novembro de 2011.

<http://4pilares.net/text-cont/delors-pilares.htm>. Acessado em 11 de novembro de 2011.

<http://biblioteca.planejamento.gov.br/biblioteca-tematica-1/textos/educacao-cultural/texto-106-2013-os-quatro-pilares-da-educacao.pdf>. Acessado em 13 de novembro de 2011.

\* Professora do curso de Pedagogia da FEST, esp. em Educação Especial, Psicopedagogia e Saúde Mental.

# O FAZER PEDAGÓGICO DAS ESCOLAS INDÍGENAS



Foto: Gildete Dutra

Por\*: Gildete Elias Dutra

Objetiva-se neste texto, uma reflexão sobre o fazer pedagógico das escolas indígenas, suas especificidades e peculiaridades, que as diferem das escolas da sociedade envolvente.

Somente com a Constituição Federal de 1988, os povos indígenas conquistaram o direito a uma educação específica e diferente, possibilitando a auto-afirmação e autodeterminação étnica, a valorização das línguas e das ciências (tradições, costumes, crenças, religião, rituais, cantos, danças, etc.) dos povos indígenas e a recuperação de suas memórias históricas.

Neste sentido, professores indígenas e suas comunidades vêm construindo esse novo fazer pedagógico, promovendo em suas comunidades o respeito às diferenças culturais, à diversidade cultural, o reconhecimento das identidades étnicas, manutenção das línguas maternas e direito as suas manifestações culturais.

Neste contexto, revela-se a importância da educação escolar indígena e da escola como espaço de socialização e construção de saberes que atendam às especificidades de cada povo, bem como, refletir o exercício da cidadania.

A reflexão sobre o saber fazer dos professores indígenas, se torna fundamental, por considerar que a estes se atribui a maior responsabilidade para a efetivação do processo ensino aprendizagem, mesmo reconhecendo as múltiplas

relações que envolvem este processo, principalmente quando se trata de uma escola específica e diferente, que envolve situações tipicamente peculiares.

Todas as comunidades indígenas dispõem de seus próprios processos de escolarização. Neste sentido as atividades de ensino-aprendizagem estão relacionadas com os saberes específicos de cada comunidade indígena e com os saberes universais. Nessa concepção a comunidade indígena decide sobre o que deve ser aprendido, como, quando e por quem. A escola não deve ser vista como o único lugar de aprendizado. A comunidade também possui sua sabedoria para ser transmitida e ensinada por seus membros: são saberes, valores e crenças tradicionais. Portanto, as tradições de cada povo, devem contribuir na construção de práticas educacionais adequadas, capazes de atender aos anseios, interesses e necessidades diárias de cada comunidade. Como pensa a prof<sup>a</sup>. Creuza Krahô:

A escola que a gente quer é a escola do prazer, aquela que a gente pode vir todos os dias. E nunca sinta vontade de ir embora. Não queremos uma escola que só tenha mais cadeiras, quadro negro e giz, mas sim uma escola da experiência, da convivência e da clareza. Se um dia alguém trazer um peixe que foi pescado no riacho perto da nossa casa, ele seria nosso objeto de estudo. (RCNEI, 2005, p. 53).

A participação da comunidade na construção da proposta curricular, fundamentalmente na definição dos objetivos, dos conteúdos e nos processos próprios de ensino aprendizagem, assume papel essencial para a consolidação de uma educação comunitária, inter-

cultural, bilíngüe/multilíngüe, específica e diferenciada. Conforme o RCNEI (2005) são esses princípios que definem a educação escolar indígena.

Contudo, para o desempenho qualificado do educador indígena, faz-se necessário realizar a sua formação no magistério intercultural a nível médio e superior. "Neste contexto, a formação de professores indígenas passou a ser uma condição da educação intercultural de qualidade" (Referenciais para formação de professores indígenas, 2005, p. 09).

O fazer pedagógico nas escolas indígenas, exige metodologias diversificadas, ou seja, saber fazer diferente, pensar, planejar, organizar as aulas e o calendário escolar, entre outras atividades. Como afirmam os professores Meruri Boe-Bororo: "Calendário diferenciado é respeitar a cultura: período da caça, pesca, funeral, plantio. Os rituais que acontecem durante a noite devem ser consideradas dias letivos". (RCNEI, 2005, p.75).

Neste sentido, é fundamental destacar que uma educação específica, diferenciada e de qualidade nas comunidades indígenas, só será efetivada se à sua frente estiverem, como professores e como gestores, indígenas pertencentes as suas respectivas etnias/comunidades. A escola é, assim, este novo território de luta.

---BRASIL, Ministério da Educação, Referencial Nacional para as Escolas Indígenas. 2. ed. Brasília-DF: MEC/SECAD, 2005.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação. Referenciais para Formação de Professores Indígenas: Brasília-DF: SECA/MEC, 2005.

\*Docente da Faculdade de Educação Santa Terezinha. Espec. em Metodologia do Ens. De Geografia aplicada ao Plan. Ambiental.